



Uma das três excelentes obras do artista, que ficarão expostas até novembro.

Luís Sacilotto, um astro do Panorama

RADHA ABRAMO*

Comemorando trinta anos da data da sua inauguração — 1949 — o Museu de Arte Moderna de São Paulo, instituição cultural fundamentalmente ligada às artes visuais e que deu origem à polémica Bienal de São Paulo, abriu na última quinta-feira o Panorama de Pintura de 1979.

Os artistas apresentados na mostra expressam a opinião da Comissão da Cultura do MAM que os escolheu, e consequentemente os elege como paradigmas da pintura contemporânea brasileira. O critério adotado pelos organizadores da mostra, baseado na indicação de artistas, pode realmente representar a pintura nacional. Contudo esse critério deriva de um dirigismo cultural que eventualmente elimina a amostragem de outros artistas desconhecidos da comissão.

Afinal o conhecimento amplo e abrangente da cultura é que limita naturalmente a consciência do conhecimento de fato das coisas, pois quanto mais se sabe do mundo mais percebemos a amplitude do nosso desconhecimento.

Em todo caso, o MAM tem um critério, e a partir dele as mostras anuais tentam a grosso modo ilustrar as tendências e a situação das artes visuais do país. Deve-se defender a liberdade de opinião do MAM, mas é preciso lembrar às instituições a necessidade de diversificar seus métodos de amostragem. Todavia, o Museu de Arte Moderna de São Paulo reflete uma facção do pensamento filosófico brasileiro que acredita na seleção prévia dos dados culturais, enquanto outras facções propõem o método da pesquisa de campo e a inscrição livre dos artistas nos salões como única forma de detectar a produção plástica. Ambas as tendências, no entanto, revelam o posicionamento filosófico das classes que as representam, montando o painel complexo da sociedade brasileira. A cultura, de resto, é uma cultura de classes mas nem por isso a visão de uma elimina a outra. A mediação natural entre as duas posições: indicação e inscrição voluntária (se bem que esta última implica recursos econômicos proibitivos tanto para o artista como para a instituição que patrocina o certame) criariam uma múltipla visão da arte existente no Brasil, possibilitando o confronto e a interação cultural que fecundaria o universo

artístico de todos. Se há dificuldades para uma amostragem ampla, geral e irrestrita isto não quer dizer que não se lembre da sua utilidade e que não se façam esforços no sentido de torná-la uma realidade de fato.

A versão da pintura atual do MAM, que poderia obviamente ser a mesma de um júri que selecionasse artistas inscritos livremente no Panorama (porque a maioria faz parte da classe que exerce os dirigismos de toda sorte), oferece porém um quadro convincente dos pintores e das tendências artísticas atuais apesar de muitos artistas terem recusado o convite. Naturalmente a exposição do MAM tanto pela sua situação geográfica como pelas obras do Panorama oferece uma visão de confronto artístico ao público que irá à Bienal, sua vizinha (inaugura-se dia 3 próximo) mostrando as vertentes estéticas em uso e consumo no País há trinta anos.

O Panorama exemplarmente montado (como sempre são as exposições do MAM), além de propiciar uma leitura correta e harmoniosa das obras, exhibe exemplares belíssimos de muitos artistas. Mas a nota especial da mostra (ela justificaria a sua própria organização) é Sacilotto. Diante do trabalho desse artista, as teorias e as manipulações técnicas sucumbem por completo: a idéia da criação está impressa nas três excelentes obras expostas na parede frontal lateral esquerda do MAM. A sensibilidade técnica e a visão gestáltica profunda de Sacilotto compõem essas peças cinéticas, as mais extraordinárias já vistas nessa tendência artística, embora ele próprio trabalhe nela já há algumas décadas. O movimento cadenciado das formas, a velocidade das linhas e a vibração das cores montam um universo infinito de sensações visuais, criado pelo artista e em função da sensibilidade ótica do espectador.

O artista concretiza com as obras do Panorama: o êxtase, o significado total da criação. Essas pinturas adquirem elas próprias uma individualidade tão contundente que poderiam afastar a fatalidade de sua relação com o homem e o universo. Elas ocupam um posto especial na ordem geral das coisas: elas se apropriam de um espaço para existirem como entidades únicas. Passaram pela mão do artista e se fecundaram no universo mas têm identidade própria: são obras da arte.